

Paulo Alexandre e Castro

TEATRO

AQUI ENTRE NÓS



papiroeditora

FICHA TÉCNICA

Título **Aqui, Entre Nós**
Autor **Paulo Alexandre e Castro**
Prefácio **Manuel Curado**

Editor **Papiro Editora**
Porto
Rua de Pinto Bessa nº615
4300-433 Porto
t. 220 120 144/5/6/7/8/9
f. 220 120 143
e. info@papiroeditora.com
b. blogdapapiroeditora.blogspot.com
s. www.papiroeditora.com

Ano de Edição **Dezembro 2010**

Coordenação Editorial **Papiro Editora**

Coordenação Gráfica **Papiro Editora**

Design **Papiro Editora**

Distribuição **BUK Distribuição**
telefone: 220 103 900

ISBN 978-989-636-534-9
Depósito Legal 320293/10
Impressão Gráfica Central de Almeirim

À memória de todos aqueles que fizeram do Teatro
a sua casa, a sua família, a sua vida.

À A. S. F. C., entre nós, *ad eternum*.

PREFÁCIO

A história da sopa de pedra é um conto tradicional português que está cheio de ensinamentos. Conta-se que um frade andava pelos campos e estava cheio de fome. Como ninguém lhe dava de comer, lembrou-se de dizer às pessoas que encontrava que sabia fazer uma sopa de pedra. Ao ouvirem estas palavras enigmáticas, muitas pessoas pararam para ouvir o frade. Este afirmava que era capaz de fazer a sopa se as pessoas o auxiliassem. Seduzidas com estas palavras, muitas pessoas prontificaram-se a auxiliar o frade. Assim, este começou por colocar uma panela ao lume e uma pedra dentro dela. Depois, começou a dizer que, para a sopa ficar boa, era necessário que lhe arranjasse umas batatas. Alguém deu logo ao frade umas batatas. Depois, o frade deu a entender que, para a sopa ficar boa, era necessário ajuntar uns feijões. Logo outra mulher lhe deu uma malga de feijões. Um pouco depois o frade disse, suspirando, que para a sopa ficar verdadeiramente boa seria necessário acrescentar um bocadinho de toucinho, de sal e de azeite. Rapidamente outras pessoas lhe deram tudo isso. Quando a sopa ficou pronta, as pessoas rodearam o frade para vê-lo comer a sopa da pedra. O frade assim fez, comendo com gosto toda a sopa. Quando a panela nada mais tinha do que a pedra no fundo, as pessoas perguntaram ao frade se também a comeria. Ao ouvir estas palavras, o frade retirou a pedra do fundo da panela, limpou-a bem e colocou-a no bolso. Foi-se embora a sorrir, garantido às pessoas que aquela pedra daria para fazer muitas mais sopas e que, por isso, não a podia comer.

Boa parte da nossa vida é uma sopa de pedra. Os assuntos que ocupam as pessoas parecem ter um âmago precioso, um coração ou uma essência. Porém, quando se analisa com cuidado o que preenche a vida das pessoas, descobre-se que não há âmago, nem coração, nem essência. A vida das pessoas está cheia de pedras que frades espertalhões andaram a distribuir desde que elas nasceram.

O conto tradicional recolhido por Teófilo Braga termina com o frade a partir com a sua fome saciada e muito feliz. Ninguém lhe fez mal. As pessoas não compreenderam o que o frade lhes tinha feito e não

compreenderam também que toda a vida delas é uma colecção de pedras. O facto de o frade não ter sido agredido é um sinal precioso de que as pessoas não acordaram da sua ilusão. Esta ilusão é robusta e dificilmente desaparece. A arte é um dos poucos meios que consegue abalar a força desta ilusão.

A peça de teatro *Aqui, Entre Nós* que Paulo Alexandre e Castro agora nos oferece procura descobrir a pedra na sopa da vida humana. O assunto não poderia ser mais vasto. Trata-se da condição humana, e esta condição é tudo quanto conhecemos. Para abalar a força da ilusão, o dramaturgo recorre a ferramentas. Estamos perante uma peça de teatro que recusa ser teatro do absurdo e teatro de situação. Sem ambiguidade, apresenta-se como teatro de conceito. E são muitos os conceitos que aborda: a natureza última da realidade, a questão do tempo, o problema da identidade pessoal, a fronteira entre razão e loucura, o papel da ilusão na vida, a importância das palavras e da poesia, e muitos outros.

O que abala o leitor desprevenido desta peça e que abalará o espectador quando ela estiver em cena é a ausência de uma estrutura narrativa que dê indicações de tempo e de espaço. Paulo Alexandre e Castro realiza a história do frade da sopa de pedra ao contrário. À grande sopa da vida humana retira o toucinho, o sal e o azeite. As grandes estruturas narrativas não existem na realidade e são sempre construção de alguém. A realidade é como as estrelas do céu nocturno. Os seus pontos em número infinito podem ser unidos de muitas formas. A isso chamamos histórias. Cada história revela mais sobre as pessoas do que sobre as estrelas.

Paulo Alexandre e Castro não precisa da muleta de uma história e, por isso, estilhaça deliberadamente a compostura do antes, do agora e do depois. Sem uma história que de modo paternalista seja um sofá confortável para a nossa inteligência, o que temos? Temos uma colecção de átomos humanos, de situações fragmentadas. São nove as vozes que têm a agenda magnífica de representar a condição humana nesta peça de teatro.

Por que razão esta estratégia dramática é interessante? Os bocadinhos fragmentados da vida das personagens de *Aqui, Entre Nós* ajudam o espectador a romper as falsas narrativas com que atulha o seu quotidiano e a sua vida. Todos temos milhões de histórias a correr nas

nossas cabeças a toda a hora: a história de quem se é, a história da injustiça que foi cometida contra nós, a história dos nossos amores, as histórias que vêm de fora e que atravessam a mente privada como se tivessem vida própria, a história das nossas crenças e planos para o futuro... Cada história que passa por uma pessoa, rapta a atenção dessa pessoa e desenha os traços do seu rosto. Neste sentido, as histórias são como as luzes que, à noite, mais do que iluminar, cegam momentaneamente.

É difícil, certamente, viver sem ilusões, viver sem histórias que lá nos vão confortando um bocadinho numa terra sem conforto possível porque a terra não é nossa e nela somos sempre estrangeiros. *Aqui, Entre Nós* não precisa da muleta da história, mas, como seria impossível compreendermos o que quer que seja sem uma história, dá-nos pinceladas de sentido para o espectador conseguir localizar o que vê. Não tendo a peça uma história geral, aqui e ali o espectador é informado de que as personagens estão internadas e de que cometeram crimes e delitos. Estes alienados criminosos recebem visitas a certa altura e, nesses encontros, fica-se a perceber como é que eles foram parar ao sítio onde estão. O teatro de conceito de Paulo Alexandre e Castro procura iluminar, e não cegar momentaneamente com uma história bem arranjadinha que encanta no momento mas que depois não serve para nada. Este é um exercício muito difícil. Trata-se de tentar ver a pedra na sopa do frade, trata-se de ver as estrelas sem ver constelações, trata-se de viver sem histórias, trata-se de fazer teatro sem telenovela. Se cada história que povoa a nossa vida nos torna reféns, o teatro de conceito tem a agenda de olhar para os assuntos humanos de um modo livre. Sem histórias, talvez consigamos ver com verdade.

Paulo Alexandre e Castro recorre aqui a uma velha reflexão que já ocupara os Gregos: o que une e o que aparta os conteúdos e os continentes? Platão, no *Cármides*, equacionou esta questão. A vida humana parece ser preenchida por conteúdos, só conteúdos e nada mais do que conteúdos. Os continentes são invisíveis. Vemos automóveis, flores e nuvens, mas não vemos a visão com a qual vemos automóveis, flores e nuvens. Ouvimos Mozart e a vizinha da casa ao lado trautear uma canção popular, mas não ouvimos a outiva com a qual ouvimos Mozart e a canção da vizinha. Pensamos no nosso orçamento doméstico ou no livro que estamos a ler,

mas não pensamos sobre o pensamento com o qual nos dedicamos ao orçamento doméstico ou ao livro que lemos. Os continentes da nossa vida são invisíveis porque os conteúdos dão-nos a ilusão de que tudo tem uma ordem. As personagens do *Aqui, Entre Nós* não desejam mais histórias, nem conteúdos, nem ilusões. Só lhes interessa a pedra da sopa do frade, isto é, reparar no nada que é a colecção completa com que povoamos a vida.

Este salto da sopa para a pedra, das constelações para as estrelas e dos conteúdos para os continentes da vida é mostrado pelo Pedro, uma das personagens. Diz ele, «Eu sei que tenho orelhas, mas não as vejo!» Outra personagem, o Nuno, finge escrever no papel com uma caneta que continua com tampa. Outra personagem, o João, tenta com a mão direita agarrar o polegar que está preso pela mão esquerda. A peça *Aqui, Entre Nós* multiplica várias vezes esta surpresa do Pedro, este fingimento do Nuno e este esforço do João, e é toda ela um exercício para conseguir ver os continentes da condição humana, a sombra que acompanha todos os assuntos de que se ocupam as pessoas.

Precisamos destes saltos mortais para alguma coisa? Para sermos felizes? Para conhecermos a verdade sobre a nossa condição? Para alguma outra coisa? Paulo Alexandre e Castro está seduzido pela nobreza de procurar a verdade das coisas. Se o autor da peça *Aqui, Entre Nós* fosse confrontado com um frade a tentar enganá-lo, facilmente repararia no embuste e deitaria a pedra fora. Porém, a peça oferece um confronto muito dramático entre as três personagens principais (João, Pedro e Nuno) e as mulheres que os visitam (a mulher, a filha e a mãe). Os homens, querendo viver sem ilusões, sem histórias e sem conteúdos, dão ao espectador sinais de grande infelicidade. Os três são infelizes. Pelo contrário, as mulheres tontas que os visitam, com vidas cheias de histórias iguais a todas as histórias, são surpreendentemente felizes. A lição mais preciosa de *Aqui, Entre Nós* é, pois, a de que a verdade é inútil. O caminho para a felicidade não passa pela verdade das coisas mas pela união das pessoas, com poesia e em comunidade. A peça termina com um símbolo dessa união que conduz à felicidade: João, Nuno e Pedro fazem um poema em conjunto.

A filiação intelectual do teatro de conceito de Paulo Alexandre e Castro é muito rica. Como os problemas que atormentam as personagens

são claramente filosóficos, seria possível aproximar a peça *Aqui, Entre Nós* a dramaturgos como J. B. Priestley. Algumas das peças sobre o tempo de Priestley (por exemplo, *O Tempo e os Conways*) apoucam o papel da história e da situação, obrigando o espectador a reflectir sobre o enigma do tempo. Na cinematografia também é possível encontrar paralelos. Pense-se no filme *Mulholland Drive* que David Lynch realizou em 2001. Também aqui temos fragmentos de vidas humanas e somos obrigados a reflectir sobre problemas que contextualizam o que as pessoas fazem: o sentido, o absurdo, o que se pode e não pode fazer, a identidade e a memória, a beleza e a fealdade...

Esta peça de teatro é corajosa no panorama do actual teatro português. Este caracteriza-se pelo domínio continuado da narrativa. Quer acrescentar mais histórias aos milhões de histórias que já povoam a cabeça das pessoas. O império da telenovela parece que nunca mais acaba e que estamos sempre a ouvir dizer as mesmas coisas. O Teatro português é pouco experimental e, por isso, a peça *Aqui, Entre Nós* é um exercício de frescura e de inovação. No futuro, esperamos que Paulo Alexandre e Castro continue as suas experiências dramáticas, desenvolvendo os grandes temas que agora coloca em palco. Se fosse possível fazer uma encomenda a este dramaturgo, pediríamos que voltasse ao problema dos limites entre a razão e a loucura. Como Foucault nos ensinou a ver, a loucura tem sido um companheiro da cultura europeia desde a Idade Média.

Paulo Alexandre e Castro coloca em cena três internados com a alienação mais perigosa de todas: a lucidez. Apenas um pequeno número de outros autores construíram personagens com excesso de lucidez. Pense-se, entre outros, em *O Alienista*, de Machado de Assis, ou em *Os Físicos*, de Dürrenmatt, a que poderíamos acrescentar o *Dr. Mabuse*, de Fritz Lang, ou o *Dr. Strangelove*, de Stanley Kubrick. Seria bom que algumas peças futuras nos auxiliassem a compreender o que em *Aqui, Entre Nós* está já equacionado: será que a vida normal e lógica e bem organizada é de facto uma manifestação de loucura?

Cada espectador de Teatro e cada leitor de um livro é responsável por aquilo que faz. A arte não se impõe a ninguém e é um convite sempre em aberto. A peça *Aqui, Entre Nós* é exigente para os espectadores: esboça problemas e oferece caminhos. Se der apenas problemas a quem assistir

quando encenada, saberá a pouco; se der indicações de caminhos sem que indique os problemas originais de que eles são soluções possíveis, não teremos vontade de os percorrer. O segredo do frade não é fazer uma sopa só com água e pedra, nem uma sopa igual às outras. Em qualquer dos casos não seria feliz: no primeiro, não ficaria alimentado; no segundo, as pessoas a quem pede sopa não lhe dão nada, e não ficaria, por isso, também alimentado. O engano maravilhoso reside na junção contranatural da sopa com a pedra. Paulo Alexandre e Castro pode vir a ser o frade sábio do teatro português: dá-nos a pedra dos problemas da condição humana e a sopa dos caminhos a percorrer. Só lhe podemos estar gratos.

Manuel Curado

AQUI ENTRE NÓS

«Como Foucault nos ensinou a ver, a loucura tem sido um companheiro da cultura europeia desde a Idade Média. Paulo Alexandre Castro coloca em cena três internados com a alienação mais perigosa de todas: a lucidez. Apenas um pequeno número de outros autores construíram personagens com excesso de lucidez. Pense-se, entre outros, em *O Alienista*, de Machado de Assis, ou em *Os Físicos*, de Dürrenmatt, a que poderíamos acrescentar o *Dr. Mabuse*, de Fritz Lang, ou o *Dr. Strangelove*, de Stanley Kubrick. Seria bom que algumas peças futuras nos auxiliassem a compreender o que em *Aqui, Entre Nós* está já equacionado: será que a vida normal, lógica e bem organizada é, de facto, uma manifestação de loucura?»

Manuel Curado *In* Prefácio

ISBN 989636534-9



9 789896 365349